



O potencial discursivo do cotidiano na vida moderna¹

Bruno da Silva SOUZA²

Faculdade Maurício de Nassau, Recife, PE

RESUMO

O presente artigo versa sobre a evolução das crônicas, ao longo do tempo. Além disso, busca apresentar as características desse gênero jornalístico que cativa, atualmente, diferentes públicos, seja nos jornais ou em blogs. Para isso, utiliza-se de uma revisão bibliográfica em textos acadêmicos que, apoiados em crônicas de diversos autores, exemplificam a genialidade e expressividade dessa mistura entre jornalismo e opinião.

PALAVRAS-CHAVE: crônicas; evolução; internet.

INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico, a informação virtual, e a globalização trouxeram à vida moderna, novas formas de comunicação atingindo todas as manifestações artísticas e literárias interferindo nas relações sociais, refazendo os conceitos e paradigmas no cotidiano das pessoas. A velocidade da informação e a fugacidade dos fatos colaboram para novos modelos de interação entre os indivíduos,

A revolução da comunicação contemporânea tem na internet os instrumentos para múltiplas vias de informação que chega numa velocidade incrível e a troca de conhecimento acontece em várias direções caracterizando a comunicação instantânea numa rede, que mesmo separada por distâncias, consegue aproximar os indivíduos como se fossem vizinhos, assim, na Internet a opinião e o posicionamento das pessoas se tornam importantes maneiras de expressão verbal dos mais variados assuntos e de divulgação expressa de produtos numa rede interativa.

De acordo com Rubens Alves³ (2010) "As palavras são a carne do mundo. Não podem ser substituídas por outras, ainda que mais verdadeiras, ainda que sinônimas". Dessa maneira, a crônica se instala como um relato, uma narração que

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FMN-PE, email: bs_brunosouza@hotmail.com.

³ Autor da crônica "Crioulinha". In Folha de S.Paulo, em 16 de novembro de 2010.



"promove uma leitura estética das banalidades, a partir do reconhecimento de uma razão sensível que constrói e reconstrói o útil e o fútil", segundo Wellington Pereira (2004).

A cronologia sobre a crônica em língua portuguesa compilada por Macedo (1998,p.158) relata que no século XV, Fernão Lopes foi contratado, em 1418, pelo rei de Portugal, D. Duarte, para escrever as Crônicas de D. Pedro I, de D. Fernando e as de D. João I, para registrar conteúdos orais dos que circulavam na corte, tornando uma narrativa histórica, que transcorria na dramaticidade para contentar o rei e aos que frequentavam a corte e para cultivar a imagem dos reis.

A historicidade da crônica remonta o passado literário brasileiro sendo dividida em épocas e estilos:

Ao longo da história da muitas vezes o folhetinista se confundiu com o cronista. Também a crônica é um gênero *borderline*⁴, oscilando entre a imaginação e a realidade, o jornalismo e a literatura, língua culta e coloquial. Originalmente, crônica, era a narrativa de fatos de acordo com a ordem temporal, registrando os eventos que marcaram uma época. O sentido da palavra era por em ordem cronológica. (COSTA, 2005, p.246)

A referida autora faz referência à etimologia da palavra “crônica” originada do grego *chronos* que significa tempo, e a evolução desse gênero literário, que nasceu em 1828.

O jornal Espelho Diamantino lançou no Brasil a idéia que todo jornal deveria contar com um observador de costumes, que registrasse o que visse e ouvisse em suas andanças pelas ruas da cidade. Este flâneur⁵ dá o primeiro passo do que se convencionaria chamar de crônicas de costume (BOSI 1994.p.85 *apud* COSTA 2005, p.247).

A representação satírico-moralista dos tipos e hábitos do cotidiano brasileiro ganharia impulso mais adiante, com os textos do padre Lopes Gama em O Carapuceiro, a partir de 1832; de Martins Pena no Correio da Moda, em 1839; e de Josino do Nascimento Silva em O Cronista, em 1837. Mas vai se firmar mesmo na segunda metade do século XIX. (COSTA 2005, p. 247).

Nesse contexto, a crônica foi reconhecida como um gênero literário, que se ligava estreitamente ao jornalismo, principalmente por causa do desenvolvimento da imprensa no país sob os impactos resultantes da modernidade que surgia e influenciava a produção cultural no ocidente e na realidade brasileira do início do século XX.

⁴Bordeline é traduzido como âmbito fronteiro, [incerto](#) e [limítrofe](#). In Dicionário Bab.la. Ingl./Port.

⁵ O termo "*flâneur*" vem do verbo francês "*flâner*", que significa passear. In Translate Google



Dessa maneira o registro dos acontecimentos cotidianos num tempo e num espaço determinados eram escritos como um relato histórico, num formato narrativo, informal e intimista ligado à vida cotidiana. A narrativa intimista permitia ao autor exercer seu estilo e sua criatividade através da linguagem coloquial, com leveza, lirismo e humor.

A crônica só é gênero menor em termos de literatura. Admite-se como inabalável a certeza de que a literatura tende a ser perene intemporal. Não faltam teóricos para garantir que a arte, nela incluindo a arte literária, existe para superar a morte. E, se a literatura busca a infinitude, a crônica é crônica mesmo, expressão de finitude. É temporal, fatiada da realidade e desvinculada do tempo maior que é o da literatura como arte. (CONY, 2008)

A notícia veiculada na mídia busca relatar os fatos que acontecem trazendo a exatidão da informação ao passo que a crônica se diferencia por analisá-los de maneira única, mostrando ao leitor num tom leve, uma situação comum, vista de um modo especial, destacando os assuntos observados na vida urbana ressaltando os acontecimentos do dia a dia, narrando a história, interpretando os fatos de forma satírica, dialogando com o leitor.

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

A crônica se evidencia como uma combinação de jornalismo e literatura por apresentar a realidade cotidiana através da construção da linguagem, no jogo verbal que se expressa em linguagem quase informal onde as idéias são encadeadas pela imaginação. O gênero crônica criou ao longo do tempo a sua própria identidade, se distinguindo dos limites do jornalismo e da literatura pelos artifícios de linguagem.

Segundo Fraser Bond (1962. p.27) [...] “O escritor expressa seus próprios pensamentos e experiências; o jornalista expressa os da comunidade. A literatura pode abstrair-se do tempo; o jornalismo precisa ser oportuno”.

Isso acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal, da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para uma publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha [...] quando passa do quando passa do jornal ao livro, nós veríamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (Candido et al,(1992) apud COSTA 2005, p..249).



Muitos autores editam suas crônicas em livro, mas não dispensam a modernidade e publicam seus escritos no meio virtual, garantindo dessa maneira, a sua durabilidade no tempo para fugir da efemeridade peculiar das notícias jornalísticas.

Os jornais do século XIX apresentavam crônicas que retratavam matérias literárias, teatro, artes política, fatos históricos do Brasil e do mundo. Nesse período o Romantismo, dispensou as teorias neoclássicas criando uma nova concepção para os gêneros literários, que representavam uma nova expressão da linguagem poética de acordo com o gênero narrativo, lírico e ensaístico.

No Brasil vários escritores de renome no cenário literário são considerados grandes cronistas, iniciando-se por Machado de Assis, José de Alencar, Fernando Sabino, Alcântara Machado, Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Arnaldo Jabor, Rubens Alves, João Ubaldo Ribeiro e Carlos Heitor Cony entre outros.

Atualmente, os gêneros se caracterizam pelas relações existentes entre o autor, a obra e o leitor, formando um vínculo de aproximação entre eles e o cotidiano, dando ao estilo da crônica definições variadas que se estruturam nas condições da comunicação discursiva imediata na modalidade de escrita ao mesmo tempo, literária e jornalística servindo de suporte entre si.

A pressa de escrever, junta-se à de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases trouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. (SÁ, 1987, p. 10/11).

O cronista recria o cotidiano, com um espectador, parte de um episódio do dia a dia usando a imaginação e compõe sua narração com elementos lingüísticos próprios do conto, ensaio ou a poesia que fascinam o leitor. O escritor divaga sobre os fatos e narra em forma de síntese sua opinião transformando o ensaio literário em crônica. Assim, Costa, (2005 p.251) “a linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro”.

O olhar subjetivo do autor registra de maneira pessoal o fato com elementos de fantasia ficção, ironia e criticidade, conduzindo o leitor ao acontecimento do



cotidiano. "As crônicas jornalísticas de fins do século XIX e princípios do XX configuravam o sentido da vida urbana inventariando o orgulho monumental dos signos de desenvolvimento comercial moderno" (CANCLINI, 1999, p. 150).

Os jornais brasileiros também se interessaram por textos capazes de cruzar as fronteiras com a literatura. Se a experimentação formal já era permitida no espaço exíguo da crônica assinada, passou a ser autorizada nos suplementos culturais, nas reportagens de comportamento e, dependendo do jornal, até nas matérias de polícia. (COSTA, 2005, p.269).

O legado da efemeridade da crônica trazida do jornalismo foi se dissipando no século XX, quando a informação passou a ser dada pelo jornalista enquanto que o entretenimento do leitor era designado ao cronista. Assim, (COSTA, 2005 p.251) “a linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro”.

Esse descompromisso de criar uma história com início, meio e fim atraiu muitos poetas porque na crônica o autor sintetiza o acontecimento quebrando as barreiras estéticas conferidas pela linguagem literária ou jornalística. Dessa maneira a crônica se compõe num discurso aberto a muitos significados e várias possibilidades de construção, e em poucas palavras traduzem todo sentimento humano. Dessa maneira na década de 1930 a crônica passa a ser praticada por autores como Mário de Andrade, Manoel Bandeira e se consolida no cenário literário. A partir de 1950, a crônica vive sua época áurea com Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto e Antonio Maria.

[...] dois dos mais renomados escritores jornalistas brasileiros vivem das crônicas e não dos livros. Ao escapar da estiva diária, João Ubaldo Ribeiro e Carlos Heitor Cony encontram no “gênero menor” a tal tríplice liberdade com que todos os repórteres sonham e os escritores-realistas (no sentido não literal do termo) resignam-se [...] (COSTA, 2005, p.258).

Autores como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues, Carlos Heitor Cony, são exemplos de grandes escritores, jornalistas-cronistas que aproveitaram o amadurecimento desse estilo e não se prenderam mais ao jornalismo, preferiam se projetar na literatura através da crônica.

Mesmo escritores bem-sucedidos como Paulo Coelho e Luís Fernando Veríssimo, são colunistas em jornais com o objetivo de manter a visibilidade entre a produção de livros.



CRÔNICAS NA MORDENIDADE

Depois que o jornalismo sofreu uma crise de credibilidade internacional por causa do “esquentamento da notícia”, colocando os conceitos de objetividade e verdade em questionamento decorrente de reportagens fraudulentas. Com o surgimento da Internet a informação ficou mais acessível ao grande público, a imprensa começa então a perder seu papel de mediadora entre o público e a notícia.

A tecnologia digital se instala e consegue convergir as áreas de comunicação, transformando a atividade jornalística e conseqüentemente a informação, tanto na fase de pesquisa, produção e difusão, estabelecendo novas e outras formas de interação do jornalista com o leitor. Essas alterações são mais visíveis no ambiente virtual, e torna-se um atrativo mundial pela facilidade e rapidez em que as pessoas se interligam e se relacionam instantaneamente.

A área da comunicação se estende e torna-se multimídia, atraindo o mercado para vendas, compras e divulgação de produtos e serviços atingindo públicos variados que seguramente são fonte de rentabilidade. COSTA, 2005, enfatiza que: “A internet democratizou ao acesso à informação, transformando-a num recurso compartilhado”.

Esse advento exige que o jornalismo crie novas formas de adaptação a nova forma de difundir notícias, estruturar matérias e melhores condições de relacionamento com o leitor, sendo necessário um novo modelo que atenda aos usuários da tecnologia digital, que recebem as informações em tempo real.

A rapidez que circula a notícia faz com que o jornalista tenha uma nova postura no seu trabalho de apuração e filtragem da informação em tempo mínimo, e em primeira mão publicar suas reportagens, constituindo dessa maneira um desafio para o profissional *on line*⁶, que tem como opositor o indivíduo que navega nas redes sociais e nos sites em geral, elaborando matérias e opinando sobre fatos que acontecem naquele momento, a informação, portanto, está pronta para ser publicada com rapidez e credibilidade para o mundo conectado.

Chame-se isso de jornalismo participativo ou jornalismo marginal. Simplificando, o Blog diz respeito a indivíduos que desempenham um papel ativo no processo de coletar, reportar, armazenar, analisar e disseminar notícias

⁶ On line é qualquer atividade executada enquanto o computador está conectado a um outro computador ou rede. In: Laboratório de Estudo Cognitivo (LEC).



e informações- tarefa antes reservada quase que exclusivamente a os meios de comunicação. (JASON LASICA, 2003 APUD COSTA, 2005, p.287)

O autor faz referência ao jornalismo circulante na internet, agora tendo como personagem principal, os “internautas ou blogueiros”, que independentemente da sua formação educacional ou profissional, emitem opinião sobre o que leem e fazem notícias também, mesmo sem muitas vezes, ter formação jornalística e nenhum conhecimento dos estilos literários.

As redes sociais criadas na Internet, como ORKUT,⁷ MSN⁸, FACEBOOK⁹, TWITTER¹⁰, servem para fazer amigos, encontrar, ou reencontrar parentes, amigos de infância, colegas de escola, faculdade ou trabalho, como também para começar um relacionamento amoroso, postar fotografias, vídeos, músicas, é um fenômeno social de grandes proporções, embora pessoas inescrupulosas utilizem esse meio de comunicação para ludibriar adultos ingênuos, ou crianças, cometendo através da persuasão, crimes absurdos.

O Blog¹¹ é uma ferramenta disponibilizada pela Internet, pertencem a sites que oferecem esse serviço gratuitamente, inclusive com modelos que os internautas escolhem, ou através de empresas que oferecem os serviços de criação e manutenção de páginas, sendo cobradas taxas para essa hospedagem e assistência de pessoas especializadas. É de fácil acesso porque não requer do internauta conhecimentos mais aprofundados sobre informática, nem programação, porque para a digitação não é necessário conhecimento especializado em HTML ou outros recursos da informática.

De acordo com Costa, 2005, p.288, “O blog também pode ser uma fonte primária, produzido por pessoas que estejam no centro de algum acontecimento”, como o caso de Bruninha Surfistinha que depois do sucesso ao lançar um livro sobre sua biografia, O Doce Veneno do Escorpião, criou um blog no site do Universo On Line (UOL) para responder perguntas sobre sua vida, conquistando o mercado literário e o espaço cibernético em tempo recorde.

⁷ ORKUT- refere-se ao engenheiro da Google que o desenvolveu, Orkut Buyukkokten.

⁸ MSN - Microsoft Service Network é um portal e uma rede de serviços oferecidos pela Microsoft

⁹ FACEBOOK- Rede social que publica fotos e listas de interesses pessoais

¹⁰ TWITTER – Rede social e Servidor para microblogging.(uso de texto com até 140 caracteres)

¹¹ BLOG- Site que contém um jornal pessoal com reflexões, pensamentos, comentários e hyperlinks oferecidos pelo autor. In:Webster Dictionary,



O blog pode ser um novo tipo de jornalismo, mas não necessariamente. De certa forma ele repersonaliza a figura do repórter, permitindo a interação com o leitor e a expressão de emoções e opiniões. Seu formato livre proporciona a combinação dos diversos gêneros narrativos, como o diário, a correspondência, a colagem, a poesia, a ficção o ensaio, a música, a fotografia, o vídeo. Mas também levanta dúvidas sobre a autenticidade de seu conteúdo. (COSTA, 2005, p.288).

[...] a ficção é incapaz de contar a verdade. Se uma autora parte para nos garantir que o que está afirmando agora é realmente verdade – que, literalmente, de fato aconteceu – tomaríamos isso como uma declaração ficcional. Romancistas e contistas são como o menino que brincava de gritar por socorro: estão condenados a ser perpetuamente desacreditados. Você poderia pôr a declaração numa nota de rodapé e assiná-la com suas iniciais e a data, mas isso não o faria passar da ficção para o fato. O subtítulo "Um romance" é suficiente para garantir isso. (FRANCIELE QUEIROZ, 2009 apud EAGLETON, 2005, p.130)

Não só a veracidade do seu conteúdo deve ser levada em consideração, como também o texto ficcional que representa a criação imaginária e, as palavras correspondem a um universo não real, e sim para um momento construído pelo seu autor, mas pode ser entendido pelos internautas como real disseminando opiniões, idéias, sobre fatos, temas ou produtos.

Evgeny Morozov¹² numa entrevista com Luciana Coelho do Jornal Folha de S. Paulo (2010) em Boston explica que:

Nem sempre se precisa de credibilidade para ser lido. Um partido ou uma empresa que queira ligar seu produto a uma ideia só precisa garantir sete ou dez blogs, que vão postar links uns dos outros como bola de neve, até chegar à capa de algum jornal. O ponto é quão viral é a mensagem. Com Twitter e Facebook, é fácil as pessoas postarem links. Mas quando a mensagem é chata, você quer garantir uns blogueiros. Empresas de divulgação oferecem serviços assim. (Evgeny Morozov, 2010)

O espaço virtual possibilita o contato com a multimídia em que não somente as palavras narradas são a única forma de comunicação, o ambiente cibernético está repleto de palavras acompanhadas de imagem e som e o excesso de informação permeia

¹² EVGENY MOROZOV Professor da Universidade Stanford, Editor contribuinte da revista *Foreign Policy* e pesquisador do Instituto de Estudos Diplomáticos da Universidade Georgetown, em Washington, EUA, 2010.



as relações virtuais tornando-a fragmentada, banalizando muitas vezes o que seria importante numa determinada sociedade em um determinado tempo ou época.

A voz mais alta é a da mídia. A luz mais brilhante é a da mídia. A mídia é o coração e o cérebro da cultura pós-moderna. [...] Tire-se sua máscara legitimadora da ordem e da finalidade e sobrará a mesma vontade de objetividade, que em última análise é uma egoísta e negativa manifestação da vontade de verdade, da vontade de lucrar vendendo a fábula, a cada dia que passa, com recursos mais sofisticados e refinados, do simulacro do real à realidade do virtual. (MENEZES MARTINS, 2003: 68-9)

É evidente que a informação impressa migra ininterruptamente para o mundo digital, dessa maneira requer que a linguagem jornalística sofra adaptações, e se adéque a essa recente forma de atingir os leitores que utilizam a internet, principalmente pela interatividade que ela propõe.

Todavia, a natureza enciclopédica do meio também pode ser um obstáculo. Ela incentiva narrativas de grande fôlego e sem formato definido e deixa os leitores/interatores imaginando qual dos pontos finais é, de fato, o final e como podem ter certeza de que viram tudo o que havia para se ver. (...) Os parâmetros de segmentação e de navegação ainda não foram suficientemente bem definidos para o hipertexto em geral, quanto mais para a narrativa. A divisão do livro impresso em capítulos específicos foi um importante pré-requisito para o romance moderno; a ficção hipertextual está ainda esperando o desenvolvimento de convenções formais de organização que permitam ao leitor/interator explorar um meio enciclopédico sem ser esmagado por ele. (MURRAY, 2003, p. 91)

As crônicas e os *blogs* se assemelham em suas características por se tratar de espaços que convivem em consenso com o humor, o lúdico, a imaginação e a informação. Atualmente, as crônicas narradas por jornalistas escritores renomados atraem a atenção dos internautas, aumentando cada dia o número de visitantes às páginas virtuais. Se no passado o que seduzia era a linguagem rebuscada, hoje os navegantes cibernéticos não exigem verbalização literária nem estão mais preocupados com o estilo literário do autor, havendo controvérsias sobre o destino dos gêneros jornalísticos no espaço virtual.

No espaço cibernético surgem novos gêneros de comunicação (hiper)textuais que se caracterizam por textos que servem de *link*¹³ para produzir documentos interligados com outros arquivos seguindo palavras, imagens, músicas etc. cria a interatividade do leitor com um texto simultâneo. Segundo Lévy Pierre (1999,

¹³ LINK- é uma hiperligação, um liame, ou simplesmente uma ligação (também conhecida em português pelos correspondentes termos ingleses, *hyperlink* e *link*), é uma referência num [documento](#) em [hipertexto](#) a outras partes deste documento ou a outro documento. In Wikipédia.



p.248) [...] “em contraste com a impossibilidade de responder e os isolamentos dos consumidores da televisão o ciberespaço oferece as condições para uma comunicação direta, interativa e coletiva”.

Tanto a produção como a recepção dos gêneros da mídia escrita (imprensa) e da mídia eletrônica que inclui a internet, celulares, e outros portáteis eletrônicos, estabeleceram práticas sociais de linguagem com perfil e características próprias e específicas.

[...] As condições de comunicação instauradas pela escrita levam à descoberta prática da universalidade. O escrito, depois o impresso trazem uma possibilidade de extensão indefinida da memória social. A abertura universalista é efetuada ao mesmo tempo no tempo e espaço. O universal totalizante traduz a inflação dos signos e a fixação do sentido, a conquista dos territórios e a submissão do homem. Impõe-se por sobre a diversidade das culturas. Tende a cavar uma camada do ser idêntica em toda parte sempre, supostamente, independente de nós (o universo construído pela ciência) ou vinculado a determinada definição abstrata (os direitos humanos).[...] A universalidade se afirma e toma corpo, mas quase sempre através da totalização, da extensão e manutenção de um sentido único. (Lévy Pierre, 1999, p.248/249).

De acordo com Lévy Pierre (1999 p.37) “A evolução das interfaces de saída deu-se num sentido de uma melhoria de definição e de uma diversificação dos modos de comunicação da informação”. Dessa forma, os novos instrumentos de comunicação, que transitam em novos espaços, em especial no cibernético, dissipam de maneira acentuada, a oralidade e a escrita.

Nesse contexto, Umberto Eco (1964) em *Apocalípticos e Integrados* faz uma análise crítica sobre dois aspectos importantes nas teorias da comunicação concernente à indústria cultural e a cultura de massa, abrindo uma discussão no campo estético da comunicação, para clarificar a intencionalidade da massificação em propiciar a diminuição da capacidade do homem em pensar de forma crítica e autônoma.

O mau gosto padece da mesma sorte que Croce reconhecia a típica da arte: todos sabem muito bem o que é e não hesitam em individualizá-lo e apregoá-lo, mas atrapalham-se ao defini-lo. É tão difícil parece, a definição a definição, que até para reconhecê-lo nos fiamos, não num paradigma, e sim no juízo dos *spoudaioi*, do peritos, o que vale dizer, das pessoas de gosto: em cujo comportamento nos baseamos para definir, em âmbitos de costumes precisos, o bom ou o mau gosto (UMBERTO ECO 1964 p.69)

O autor, que é um teórico cultural e do campo artístico, fala da influência do *Kitsch*¹⁴ no mundo contemporâneo, o qual é definido pelo “mau gosto” e está presente nas atitudes das pessoas tanto nas grandes massas ou nas elites sociais.

[...] Uma comunicação artística em que o projeto fundamental não é envolver o leitor numa aventura de descoberta ativa, mas simplesmente sujeitá-lo com violência ou assinalar determinado efeito-creditando que nessa emoção consista a fruição estética – surgiria o *Kitsch* como uma espécie de mentira artística, ou como diz Hermann Broch, “o mal dentro do sistema de valores da arte...A malícia de uma geral falsidade da vida” (UMBERTO ECO 1964 p.73)

O *kitsch* teve o apoio da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa. infiltrou-se nas mais diversas manifestações artísticas e estéticas voltados para a cultura urbana nos caminhos da globalização da sociedade de consumo. No entanto, o *kitsch* também tem um caráter positivo na sociedade, ele pode ser um recurso ideal para solucionar um problema social, servindo de alternativas para baratear custos.

Na opinião do autor, a indústria cultural induz os indivíduos, à compra de produtos e gostos por certas músicas que configuram o mau gosto, conceituando que o que está em alta, seja na música, moda ou na maior audiência é o que deve ser consumido.

Eco (1964) afirma que a cultura de massa surge em qualquer sociedade do tipo industrial, e não somente num regime capitalista. A divulgação direcionada para a grande massa industrializa a arte, principalmente para um povo que não tem acesso aos bens culturais, portanto, não consegue definir, nem identificar o que é bom ou ruim, consumindo um produto cultural com apelo exclusivamente emocional.

Rubem Alves (2010) em uma crônica critica a intervenção das autoridades sobre o conteúdo escrito e exemplifica o tratamento dado por Monteiro Lobato ao personagem Tia Anastácia, considerando que o teor textual tem cunho racista e por isso foi retirado das escolas.

O autor revela que em seu livro “O velho que acordou menino” escreve sobre sua babá, que era de cor preta, costume natural da época, utilizando o termo “Crioulinha” para defini-la.

Imaginem que, obediente á “linguagem politicamente correta”, eu, tivesse escrito no meu livro “uma jovem de ascendência afro...Não. Esse não era o mundo que Astolfina viveu.[...] A história se faz com palavras que fazem parte

¹⁴ Definido pelo “mau gosto”, imitação, artificial. In Quem vê TV se acha!



da vida. Aí, então, se pode explicar, como nota de rodapé: Era assim, não é mais. (RUBEM ALVES Caderno 2, 2010)

[...] vou apagar a palavra “crioulinha” do texto sempre que precisar me referir à Tofa, direi que ela era uma governanta suíça e ruiva, uniformizada de branco e touca, para evitar que os fios de cabelos caíssem na comida. Assim meu livro purificado do racismo poderá frequentar as escolas. (RUBEM ALVES Caderno 2, 2010)

Com humor e leveza ele encerra sua crônica sobre o racismo e a intervenção das autoridades na literatura, demonstrando a preocupação no possível poder de cerceamento da liberdade de expressão.

No mundo virtual, as crônicas também apresentam características das crônicas impressas, o Blog 7 Cronistas Crônicos¹⁵ (2010) que é postado por [...] “Sete amantes da escrita, entre brasileiros e portugueses, se encontram neste espaço. Cada qual a um dia da semana. Sete estilos diferentes, sete histórias distintas, uma derradeira ligação: a língua portuguesa, foi fundado em abril de 2010”, tem textos permeados de humor, ironia, crítica e relatos do cotidiano.

Pudesse eu simplesmente empilhar palavras, feito tijolos, seria mais fácil erguer essa edificação. Mas escrever é construir sem cimento, é saber que o resultado desaba com a mais fraca das brisas. [...] Sim, ao redigir entro em meu limite, torno-me um louco, um obsessivo angustiado. Aparecem dores, tristezas, mexo em gavetas bagunçadas que não deveriam ser tocadas jamais. Passo por um processo cuja palavra de ordem é intensidade. Sinto no corpo pontadas, a alma arder, o coração disparar. [...] o escritor deve ser um exagerado por natureza, ele se alimenta do excesso [...] (RAFAEL CURY, 2010)

A crônica “Escrita” provoca uma reflexão sobre o poder das palavras na comunicação falando sobre a intensidade emocional de quem escreve e como é árduo o processo de usar a escrita.

CONCLUSÃO

Qualquer intercâmbio entre pessoas origina-se em algum gênero, independentemente dos seus fins ou a modalidade oral ou escrita, representa as formas sociais de organização e expressões da vida cultural, é um modo de produção textual que pode se estender a todos os gêneros direcionados à sua especificidade, embora os gêneros tenham relevância, seu uso e desenvolvimento estão cada vez mais generalizadas nas produções literárias, virtuais ou impressas.

¹⁵ Blog escrito por jornalistas, radialista, bibliotecária, e publicitário, fotógrafa.



No espaço cibernético vão sendo construídas novas formas de divulgação e difusão do conhecimento, da informação e da produção artístico-cultural, assim como da expressão das individualidades, as quais estão vinculadas ao imaginário social que rege a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de **A cada leitor seu texto**: dos livros às redes. Encontros Bibli, 2009, pp. 154-173 Universidade Federal de Santa Catarina Brasil In MURRAY, J. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itá Cultural: Unesp, 2003.

Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14712771011.pdf>

Acesso em: Nov.2010

BLOG

<http://www.inglesnosupermercado.com.br/blog-dog-explica-em-detalhes-o-que-significa-blog-e-como-fazer-um/>

Acesso em: Nov. 2010.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

CANDIDO, Antonio, et.al. A crônica e o gênero sua fixação e transformação no Brasil, Campinas Rio de Janeiro. Unicamp/ Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1992.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CONY, Carlos Heitor. **A crônica como gênero e como anti-jornalismo**, 2008

Disponível em: <http://vidacronica.wordpress.com/>.

Acesso em: nov.2010

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: Escritores jornalistas no Brasil1904 a 2004. Companhia das Letras, S. Paulo, 2005

DICIONÁRIO BAB.LA. Inglês/Português

Disponível em: <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/borderline>

Acesso em: Nov.2010.

EVGENY MOROZOV Jornal Folha **Tecnologia pode reforçar cenários de desigualdade**, 2010.

Disponível em: <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/clipping-do-dia-87>

Acesso em: Nov.2010.

FACEBOOK

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook#Origem>

Acesso em: Nov. de 2010.

FRANCIELE Queiroz Silva da. MAFUÁ.Revista de Literatura em Meio Digital 2009 apud EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o



pós-modernismo/ tradução de Maria Lucia Oliveira–Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Disponível em: <http://www.mafua.ufsc.br/numero11/ensaios/silva.htm>

Acesso em: Nov. de 2010.

FRASER BOND. F. **Introdução ao Jornalismo**: Uma análise do quarto poder em todas as suas formas. Editora Agir. Rio de Janeiro, 1962.

JASON LASICA. Revista Nieman Reports, v.37, nº 3, p.71 in **Weblogs and journalism**, 2003.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS COGNITIVOS (LEC).

Disponível em: <http://www.psico.ufrgs.br/~dtat/cd/glossari/index.htm>

Acesso em: Nov.2010.

LÉVY, Pierre. **CIbercultura**. São Paulo, Editora 34. 1999.

LINK-

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hiperliga%C3%A7%C3%A3o>

Acesso em: Nov. 2010.

MACEDO, Helder. GIL, Fernando. **Viagens do olhar – Retrospecção, Visão e Profecia no Renascimento português**. Porto: Campo das Letras, 1998. p.158.

Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004>

Acesso em: Nov.2010.

MENEZES MARTINS, Francisco. **O pensamento filosófico como rede virtual**. In: MENEZES MARTINS, F. MACHADO DA SILVA, J. (org). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina, 2003. pág. 68-9

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1026-1.pdf>

Acesso em: Nov.2010.

MSN- Microsoft Service Network

Disponível em <http://www.baixaki.com.br/tira-duvidas/48258>. Acesso em: Nov. de 2010

MURRAY, J. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14712771011.pdf>

Acesso em: Nov.2010

ORKUT - O QUE É O ORKUT

Disponível em: http://www.orkutgospel.org/sobre_orkut.htm

Acesso em: Nov. de 2010

REVISTA VIRTUAL DE HUMANIDADES, n. 10, v. 5, abr./jun.2004

Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme10/flaneur.pdf>

Acesso em: Nov.2010

RAFAEL CURY ESCRITA.

Disponível em: <http://7cronistasronicos.blogspot.com/search?updated-max=2010-09-04T09%3A20%3A00-03%3A00&max-results=50>. 2010

Acesso em: Nov.2010



FACEBOOK – 7 Cronistas Crônicos

Disponível em: <http://www.facebook.com/pages/7-Cronistas-Cronicos/109943655715851>

Acesso em: Nov. 2010.

RUBENS ALVES. “Crioulinha”. In Folha de S.Paulo de 16 de novembro de 2010

SÁ, Jorge de. **A crônica**. Série Princípios, São Paulo: Ática, 1987.

Disponível em: <http://evandrorj.no.comunidades.net/index.php?pagina=1485199572>

Acesso em: Nov. de 2010

WELLINGTON PEREIRA. **Crônica: a arte do útil e do fútil**. Editora Calandra Salvador, BA, 2004. Disponível em: http://www.editoracalandra.com.br/catalogo_cronica.html

Acesso em: Nov.2010.

TWITTER

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

Acesso em: Nov. de 2010.